

A PEÇA

DORME DEVAGAR

JOÃO TUNA

IV. DRAMATURGIAS EMERGENTES I
Cadernos DRAMAT nº 5
Autores e Edições COTÓVIA, Lda. Lisboa 2001

PERSONAGENS

ANA 34 anos. Bonita. Professora de música.

VITOR 32 anos. Não muito bonito. Professor de Educação Visual. É irónico sempre que utiliza a expressão "minha querida".

Uma pequena cave iluminada por uma lâmpada caída do tecto. No topo de uma das paredes um respirador por onde se adivinha a luz exterior. Algumas caixas de cartão. Uma cama estreita já sem pés. Uma cadeira velha. Sujidade. Quinze ou vinte telas. Algumas arrumadas, outras abandonadas. Algumas naturezas-mortas; outros não-figurativos. A um canto, já na penumbra, um velho cavalete. Alguns caixotes com livros.

Lisboa. Julho. Fim de tarde, muito calor. No chão, ao centro do palco, um saco de viagem, uma pequena mochila e a caixa de um violino. Ana, de vestido de noite, impaciente, fala ao telemóvel.

ANA Vítor, por favor, atende! Vítor, por favor. Vítor. *(deixa uma mensagem)* Sou eu. Estou na cave do nosso prédio... Vem ter comigo... Telefona-me assim que ouvires isto. *(desliga)* Então, Vítor, não me vais abandonar, pois não? logo agora. Merda. Logo hoje... Estou mesmo a ver, a esta hora estás calmamente à espera do autocarro. *(com ternura)* Estúpido da merda. *(senta-se)* O fim do mundo está prestes a acontecer e eu... Com este vestido estúpido. Neste buraco horrível. *(pausa, murmura)* Como sempre, posso contar contigo.

Ouvem-se algumas vozes seguidas de passos na escada. Ana aproxima-se da porta. Os passos afastam-se. Ana volta para o centro da sala, aproxima-se do saco de viagem, abre-o. Começa a tirar do seu interior alguns objectos: um cobertor, pacotes de bolachas, uma garrafa de água e um rádio. Senta-se e tenta ligar o rádio, experimenta vários botões, não consegue. Por fim abre o compartimento das pilhas, verifica que está vazio. Instintivamente levanta-se, como se fosse buscar as pilhas. Hesita. Não dá um passo. Ana atira o rádio para o chão. Volta a ligar o telemóvel. Ninguém responde, desliga. Senta-se em cima de um caixote. No chão à sua frente, uma tela inacabada coberta de pó. Ana fixa-a. Pega no quadro, é um retrato seu. Ana sorri levemente. Procura outros retratos seus, descobre mais dois. Todos por terminar. Ouvem-se passos, a porta, perra, abre-se. Entra Vítor, vem suado e um pouco descamisado.

ANA Vítor!

Pousa uma sacola no chão. Ana corre para ele, abraça-o.

ANA Estás bem? Estava com medo que não me encontrasses... não respondeste aos meus telefonemas!

VÍTOR Só se pode deixar mensagens... Cortaram as ligações directas.

ANA ConseguiSTE ir à entrevista?

VÍTOR Sim.

ANA O que é que se passa lá fora?

VÍTOR Um caos.

Vítor afasta-se de Ana. Olha à sua volta.

ANA E nas ruas?

VÍTOR Deve andar meia Lisboa à procura da outra metade. Não imaginas o que passei para conseguir chegar aqui. *(pausa)* Vim a pé desde a Baixa. Tive que escapar à polícia, queriam que eu ficasse num abrigo nos Anjos.

ANA Nos Anjos?

VÍTOR Porque é que quisesse ficar aqui na cave? Ninguém sabe que estamos aqui, se isto for abaixo com o terramoto ninguém nos vem buscar. Não sabemos nada da resistência destas fundações, os prédios recentes são quase sempre os primeiros a irem abaixo, devias ter ido para...

ANA Num abrigo colectivo nunca te ia encontrar. E se isto for mesmo abaixo... Que seja contigo.

Vítor aproxima-se.

ANA Mas o que é que se passa? Os terramotos são imprevisíveis. Nunca são anunciados.

VÍTOR Às quatro da tarde, estava na Fundação, detectaram um fenómeno estranho no meio do Atlântico. Uma espécie de maremoto de grande amplitude. A coisa deu-se na mesma placa onde está Lisboa. É possível que uma réplica atinja a cidade ao fim da tarde, a partir das seis e meia.

ANA *(murmurando)* Podemos morrer.

VÍTOR Pode até não acontecer nada... Só nos resta esperar.

ANA Acho que já está a acontecer!

VÍTOR Não vale a pena fugir... não se sabe para onde. Podia ser para um local ainda mais perigoso e depois estão a proibir a circulação de carros...

ANA A minha mãe!

VÍTOR Se ao menos tivéssemos um rádio.

ANA A esta hora deve estar em pânico. Coitada. Já me deve ter ligado trinta vezes. Ela nunca consegue falar para os gravadores.

Ana dirige-se para o telemóvel. Vítor remexe algumas velharias.

ANA Eu trouxe um rádio. *(segura o telemóvel)*

VÍTOR Trouxeste um rádio?

ANA Aí, atrás dos caixotes... Sim... Mãe, atende.

Vítor procura o rádio.

VÍTOR Ana, os telefones não estão a funcionar. Só as mensagens.

ANA Sim. Mãe. Olha, eu... Eu estou muito bem. Vê lá se desta vez te lembras de ouvir as mensagens. Eu e o Vítor estamos num sítio onde não há perigo nenhum. Não te preocupes.

Vítor tenta ligar o rádio, sem êxito.

ANA Olha, faz o que os outros fizeram aí no prédio. Vai para onde vão os outros... E deixa as plantas na varanda, se o prédio cair tanto faz onde... Não te ponhas à procura das fotografias do pai, vai com os outros, vai... Não seas teimosa. Telefono quando isto tudo tiver passado... Até... logo!

Vítor com o rádio na mão.

VÍTOR Não consigo pôr isto a funcionar!

ANA Esqueci-me das pilhas.

Vítor fica ligeiramente irritado.

ANA Podíamos sair. Podíamos ir a casa...

VÍTOR Não.

ANA Podíamos tentar encontrar alguém que saiba mais do que nós.

VÍTOR Quem é que vamos encontrar?

ANA Temos que fazer alguma coisa, Vítor. Não vamos ficar aqui à espera de...
Decide-te.

VÍTOR Já são quase seis e vinte. E depois nunca íamos saber que direcção tomar.

ANA *(irónica)* Como sempre...

Vítor, irritado, olha Ana.

ANA Desculpa... *(muda de tom)* Mas temos que ficar na merda desta toca para nos safarmos? Isolados do resto do mundo?

VÍTOR Poste tu quem escolheu.

ANA *(resignada)* Sim.

VÍTOR Que fazemos?

ANA Esperamos.

VÍTOR Enquanto esperamos?

Ana aproxima-se de Vítor, está debaixo do pequeno candeeiro. A luz picada, acentua-lhe as formas do corpo. Vítor contempla a beleza de Ana. Repara pela primeira vez no vestido.

ANA Não sei.

VÍTOR O que é que fazes com esse vestido?

ANA Não tive tempo de o tirar.

VÍTOR *(irónico)* Queres seduzir o S. Pedro na entrada para o céu.

ANA Não sejas parvo.

VÍTOR Estás linda.

ANA É bom ouvir isso. *(pausa)* Sobretudo agora.

VÍTOR Quero...

ANA *(doce)* "Comer-te".

VÍTOR Sim.

ANA Porque é que nunca me dizes isso?

VÍTOR Às vezes penso.

ANA E porque é que não dizes?

VÍTOR Não sei. Posso dizer-to agora.

ANA É tão simples. "Estás tão bonita, Ana. Não consigo resistir-te. Tenho que te..."

VÍTOR ...comer agora.

ANA Amar para sempre.

VÍTOR É a mesma coisa.

ANA (*ignora a resposta de Vítor*) Nunca fizeste isso.

VÍTOR Nunca? Minha querida.

ANA Nunca fizemos tantas coisas. (*pausa*) Nunca corri para ti quando chegas a casa... e abraçar-te... e... e se calhar (*sorri*) amor, ali mesmo... (*sussurra, terna*)... foder.

VÍTOR (*olha Ana com desejo*) Hoje correste.

ANA Pois.

VÍTOR E abraçaste-me.

ANA (*pausa*) Sim.

VÍTOR Beijaste-me.

ANA E tu?

VÍTOR Não saias da luz.

ANA O quê?

VÍTOR A luz. Não saias da luz.

ANA (*sorri*) Está bem. (*pequena pausa*) Até quando?

VÍTOR (*com ternura*) Cala-te.

Vítor aproxima-se, abraça Ana. Devagar, beija-lhe a face, depois o pescoço. As suas mãos percorrem o corpo de Ana. Beijam-se. Caem sobre a velha cama. Pouco depois a luz começa a tremer. Os dois param imediatamente. Olham a lâmpada. A luz apaga-se. Black-out.

ANA Já começou! Vítor!

VÍTOR Espera! Não se sente... Espera um momento.

ANA Não consigo ver nada! Não se vê nada! Não se sente nada, Vítor. (*pausa*) Vítor?!

Ouve-se um pequeno estirondo.

ANA Vítor!

VÍTOR Espera só mais um bocado. *(acende-se a luz)*

Ana abandonou a pose sedutora. Assustada, fica de pé num canto sob a penumbra. Vítor está em cima de um caixote com a mão na lâmpada; retira-a no momento de entrada da luz. Tem as calças sujas de pó.

VÍTOR Pronto. Era a lâmpada. Não teve nada que ver com o terramoto. É um candeeiro velho.

ANA Senti alguma coisa. Não sei o quê. *(apalpando o seu corpo)* Senti alguma coisa cá dentro. *(pausa)* Que horas são?

VÍTOR Seis e meia.

ANA Pode ser. A coisa não era a partir das seis e meia?

Ana avança para o centro da sala. Pára sob o candeeiro. Vítor fica mais tenso. Pequena pausa. Vítor tenta animar Ana, pega na caixa do violino.

VÍTOR Nunca te vais conseguir separar disto.

Estende-a a Ana. Esta recebe-a, guarda-a junto ao peito. Parece ausente. Imóvel sob o candeeiro.

VÍTOR No início cheguei a ter ciúmes. Lembras-te? Quando levaste o violino nas férias e ficou debaixo da nossa cama durante quinze dias. Todos os dias, quando vínhamos da praia, eu era sempre o primeiro a tomar banho e depois, quando saía, tu já estavas a tocar. Ignoravas-me durante uma hora. A fazer escalas e a namorar o teu Bartok. Eu podia fazer qualquer coisa. Nunca consegui demover-te. Ele era mais íntimo do que eu.

Ana continua ausente. Imóvel.

VÍTOR E a récita na festa de Carnaval, no ginásio da escola. Os teus alunos a aplaudirem como loucos cada vez que terminavas e a exigirem um encore. Eu a olhar para ti como se fosse a primeira vez. *(senta-se na cama)* Nem consegui meter conversa nesse dia. Sempre que me aproximava de ti começava a tremer.

Ana sorri ligeiramente.

VÍTOR Tive que esperar pelo início das aulas e inventar um motivo de conversa. A musicalidade na pintura ou qualquer coisa assim, já nem me lembro bem. Mas era para um trabalho escolar. *(deixa-se cair de costas sobre a cama)* Não sei o que é

que fiz, mas dois ou três dias depois já estávamos a jantar. Nas férias da Páscoa, mudei-me para tua casa. Nunca percebi como. Nem queria acreditar. Durante muito tempo pensei que ia chegar a casa e encontrar as minhas coisas na escada, ou a fechadura alterada. Como se tivesse sido uma brincadeira. Mas não.

Ana abre a caixa, retira o violino. Verifica a tensão das cordas.

VÍTOR Discrição na escola, por causa dos alunos. *(pausa)* Em Junho tinhas uma audição na Fundação e eu preparava a minha primeira exposição — a transfiguração da realidade pelo acentuamento da forma, era a sinopse. “Isto não é um Sonho.” O sucesso da exposição ia-me facilitar a bolsa. No ano seguinte, íamos os dois estudar para fora. Para longe daqui. Deixávamos a merda da escola.

Ana começa a tocar o violino. Como se quisesse esquecer que estava ali. Vítor volta a sentar-se.

VÍTOR A exposição foi um fracasso. Tu ficaste em terceiro na audição. Em Julho, já estávamos a concorrer para mais um belo ano de confraternização escolar com aqueles pequenos e horríveis seres. *(pausa)* Foi o melhor Verão da minha vida, apesar do violino. Lembras-te, Ana? Mandámos tudo à merda. E ficámos só os dois. Fizemos todos os disparates de que conseguimos lembrar-nos. Até a tua mãe, lembras-te? Não falaste com ela durante quinze dias. Acho que foi a única vez que fizeste isso desde que te conheço. Em seis anos. Duas semanas sem os três telefonemas diários. Quando voltámos, ela estava mais dócil do que nunca. E aquela discoteca do século passado. Sempre que lá íamos apanhavas uma bebedeira e obrigavas-me a dançar. Eu, que nunca soube dançar. Fazia umas figuras horríveis. As pessoas mais próximas até paravam de dançar. Lembras-te? Eu não dava por nada. Tu rias-te, perdida. E eu a pensar que era de felicidade. Estúpido da merda.

Ana está a sorrir. Enigmática, olha Vítor. Continua a tocar.

VÍTOR O que é que foi?

Ana não responde.

VÍTOR Não estás a pensar... Pois não?

Ana não responde. Sorri. Vítor levanta-se.

VÍTOR Não estás, pois não?

Ana continua sem responder.

VÍTOR Não me vais pedir isso? Ana?!

Ana não responde. Continua a tocar.

VÍTOR (*vencido*) Acho que sim! (*aproxima-se do centro do palco*) Por ser para ti!

Vítor começa a movimentar-se de uma forma muito estranha. Braços e pernas completamente dessíncronos. Os pés quase não se mexem. Sem qualquer expressão de ritmo, Vítor está a dançar. Ana sorri mais abertamente. Aumenta o compasso da música. Vítor começa também a mexer os pés. Desloca-se à volta de Ana. Ana ri. Vítor, pelo palco fora a dançar. Sugere a dança de acasalamento de um pato. Ana ri sem se controlar, já quase sem conseguir tocar. O telemóvel de Ana toca. Ana pára de tocar, salta na sua direcção, atende.

ANA Sim, mãe! Mãe?..... Não acredito! Não acredito nesta merda! Lisboa está prestes a desfazer-se e ligam-me a dizer que tenho menos de mil paus de saldo. Filhos da puta!

VÍTOR Isso é automático. É uma gravação.

ANA Eles que ponham a gravação no cul

Os dois sorriem, cúmplices. Beijam-se com alguma violência.

ANA Amanhã... Se estivermos bem, fazemos as malas e piramo-nos.

VÍTOR Sim.

ANA Vamos para o norte. Para a Escandinávia. Sempre quis saber o que é viver sem noite. Dias a fio sem escuridão. O sol sempre a rodar, ali à nossa volta. Acho que é por esta altura.

VÍTOR Vamos esquecer a noite.

ANA Acho que não precisamos de visto. (*pausa*) Se não acontecer nada. Amanhã à noite já vamos dormir sem estrelas.

VÍTOR (*atrapalhado*) Daqui a dois ou três dias.

ANA O quê?

VÍTOR É por causa da entrevista na Fundação.

ANA (*admirada*) Mas não foi hoje?

VÍTOR Sim, mas pediram-me para lá voltar por causa do... (*terramoto*)

ANA (*interrompe-o, irritada*) Sim, está bem.

Vítor fica atrapalhado, sem saber o que dizer.

ANA Estive a ver as tuas telas antes de chegares.

VÍTOR As minhas telas?

ANA As tuas telas. Os meus retratos! Não há nenhum acabado. Nunca me terminaste.

Vítor avança para Ana. Abraça-a.

VÍTOR Termino agora!

ANA Não é isso, Vítor.

VÍTOR Quando te ris assim sabes que me deixas cheio de vontade. *(Ana tenta afastá-lo)* Deixa-me...

ANA Agora?

Entre os dois uma estranha luta, muito lenta, de agarra e foge.

VÍTOR *(sussurra)* Já passa das seis e meia. Deixa-me morrer dentro de ti.

ANA Estúpido!

Ana empurra Vítor com violência.

ANA *(muito séria)* Nunca me terminaste.

VÍTOR Nunca te preocupaste com isso. Nunca quiseste posar para mim.

ANA Não percebo porque é que nunca acabaste nenhum.

VÍTOR Isto tudo pode ir abaixo daqui a uns minutos e queres discutir a merda de uns quadros?

ANA Quero.

VÍTOR Não percebo.

ANA Responde-me.

VÍTOR Não sei, Ana. Não sei. *(pausa)* Acho que acabei um aqui há uns tempos. Sim, acabei um, já me lembro.

ANA Mostra-me.

VÍTOR Deve estar por aí.

Vítor começa a vasculhar a cave. Levanta dois retratos de Ana, ambos por terminar.

ANA Porque é que nunca me mostraste o retrato?

VÍTOR Não sei. Acho que não ficou como eu queria. *(pausa)* Não ficaste como eu queria. *(procura)* Devia estar por aqui.

Vítor continua a procurar.

VÍTOR Não ficaste como eu desejo.

Ana senta-se na cama. Vítor continua a revolver os caixotes, quase irritado. Ana olha em frente, o vazio, sussurra.

ANA Que dia tão estranho.

VÍTOR O quê?

ANA Nada.

VÍTOR Não encontro o quadro. Se calhar está lá em cima.

ANA "Se calhar" foi imaginação.

VÍTOR Não é imaginação. Mas de certeza que não era um retrato perdido, se alguma vez te tens vestido assim.

ANA Hoje tínhamos um jantar.

Vítor pára de procurar, tem uma fotografia na mão.

VÍTOR Um jantar? Que jantar?

ANA O aniversário do Jorge.

VÍTOR *(irónico)* Ah, o aniversário do Jorginho! Sempre há males que vêm por bem, minha querida.

ANA O que é que queres dizer com isso?

VÍTOR Desculpa lá, Ana, mas "os teus Jorginhos"... Aquelas conversas de...

ANA As conversas de quê?

VÍTOR Falam do ausente, do que não existe. Eles não existem.

ANA Não estou a perceber.

VÍTOR São hipócritas.

ANA Pára.

VÍTOR (*irónico, imitando vozes diferentes*) Parecem visitantes de um museu de pintura naturalista "Oh, que árvore bonita!" "Oh sim, que árvore bonita" "Que belos ramos, tão verdes, tão delgados e finos e as folhas" "Folhas fendidas, translúcidas à luz do sol..."

ANA E então não há árvores bonitas na pintura naturalista?

VÍTOR Não há árvores. Aquilo não é uma árvore. É a representação duma árvore. Se queremos ver árvores bonitas vamos ao campo, não vamos aos museus, ou quando muito vamos a um jardim. Aquilo é uma representação, o valor da coisa está na forma do registo e da interpretação. Não está na árvore que é bonita.

ANA Pára com isso. Não me confundas com os teus alunos. Não vamos ficar à espera do terramoto a discutir teoria da estética.

VÍTOR Só estou a responder à tua pergunta. São os princípios do positivismo aplicados à pintura, é a vitória da concepção científica e do pensamento tecnológico sobre o espírito do idealismo e do tradicionalismo. Não é uma árvore bonita.

ANA Já chega, Vítor.

VÍTOR Os teus amiguinhos falam horas a fio sobre o intocável, sobre o que não existe e ainda se alegram com isso. São demasiado arrogantes, Ana, pensam que sabem tudo. Irritam-me.

ANA (*irónica*) Na última festa, falaste bastante sobre o "intocável" com aquela "representação" de ruiva.

VÍTOR (*sem perceber o segundo sentido*) Não, não. A ruiva não é uma representação. É o próprio objecto.

ANA Foi o que pensei. Que era um "objecto".

VÍTOR (*atrapalhado*) Não é isso!

ANA (*irónica*) Claro que não! Mas não me pareceu um "objecto naturalista". Acho que lhe devias ter explicado alguns "princípios do positivismo".

VÍTOR Foi o que fiz. (*pausa*) Ou querias que me juntasse à discussão sobre aquele filmezeco francês? Estiveram três horas à volta do filme. O realismo-romântico francês já me enjoa. E depois, sempre a falar na merda da actriz. "Reparaste na cena do bar em que ela lentamente pousa o copo e fica a olhar a porta?" "Essa

ccna é de mais!" "Ela não precisa de dizer nada" "Altamente irónica, lá isso..."
 "Não é isso, pá. É como ela se exprime, ela quase que não precisa de falar, basta
 olharmos para ela e... e... tá lá tudo. Ela fala com os olhos, com o corpo, com
 todos os poros. Ela mexe um dedo e tu não pensas em mais nada, quando ela, em
 silêncio, pousa o copo. O gajo que está com ela fica-se, já não precisa de dizer
 mais nada. Tu já percebeste qual é a dela. Ela fala com o corpo todo."

ANA (*recrindo a personagem que Vítor acabara de descrever, insinua-se*) "Tu já
 percebeste qual é a dela?"

VÍTOR (*entusiasmado com o seu discurso ignora Ana*) Pensam que sabem tudo, ir-
 ritam-me... E depois aquelas casinhas tão bonitinhas, tão modernas, as fatiotas
 tão aprumadinhas...

ANA (*continua o jogo da personagem, provocando Vítor com o corpo*) "Ela mexe
 um dedo e tu não pensas em mais nada, quando ela, em silêncio..." te olha nos
 olhos e sem dizer nada...

Vítor reage à provocação de Ana. Irrita-se.

VÍTOR Pára com isso.

Vítor afasta-se.

ANA Bastava teres dito alguma coisa.

VÍTOR O quê?

ANA Íamos menos vezes.

VÍTOR O quê?!

ANA A casa do Jorge. Bastava teres dito alguma coisa. Íamos menos vezes.

VÍTOR Sim.

Vítor afasta-se.

ANA O teu silêncio não vem daí. É muito maior. Está sempre contigo. (*tenta
 mudar de tom*) E o que há de melhor para quebrar o silêncio? Talvez uns copitos,
 uma festa?

VÍTOR Uma festa.

*Ana aproxima-se de Vítor, faz-lhe uma festa no rosto. Abraça-o. Beija-lhe o rosto,
 depois o pescoço. Vítor começa a reagir aos avanços de Ana.*

ANA Eu sei tomar conta de ti.

Vítor avança, envolve-se no corpo de Ana. Ao longe começa a ouvir-se o elevador.

VÍTOR (*pára, olha a porta*) Espera! O elevador. (*afasta-se de Ana, dirige-se para a porta*) Quem será o imbecil? Se calhar, já não há perigo. Mas não pode ser, ainda faltam umas horas para terminar o prazo. Era entre as seis e meia e a meia-noite.

ANA (*senta-se, não presta atenção a Vítor*) Acho que estou a sentir qualquer coisa. Vítor!

VÍTOR Não sinto nada.

ANA Sinto o chão a fugir-me.

VÍTOR Não está a acontecer nada.

ANA Vítor!

VÍTOR Não se passa nada, Ana. Não vês a lâmpada parada? (*Ana olha a lâmpada parada*). Não está a acontecer nada.

ANA Vejo tudo a mexer, Vítor. Isto vai tudo cair.

Vítor abraça Ana. Tenta reconfortá-la.

VÍTOR Pronto, já passou. Não foi nada. Não aconteceu nada.

ANA O chão está a fugir-me por debaixo dos pés. Vítor. Está tudo a partir-se. Não consigo imaginar mais nada. O que fica depois, não consigo ver. Não entendo. Anunciam um terramoto, não se passa nada e eu... cá dentro... tudo virado do avesso. Alguma coisa a crescer. Não percebo, Vítor! O que é isto?

VÍTOR Vais ver, é a tensão ou outra coisa qualquer. Só pode ser. Não me vais dizer que é um prenúncio.

ANA Um sexto sentido.

VÍTOR Já não há bruxas, Ana.

Ana não responde. Vítor fica pouco à vontade. Depois sorri. Tira do bolso das calças um velho pente. Mostra-o a Ana.

VÍTOR Diz-me de quem era este pente.

ANA Do teu pai.

Vítor fica estupefacto. Não consegue responder.

ANA Isso não tem nada a ver com bruxaria. É simples observação. Método científico. O pente é velho, já não se vendem assim. Jamais comprarias um pente usado. E ninguém oferece pentes usados. *(pausa)* Agora, nunca percebi uma coisa. Para que é que o teu pai queria um pente, se era careca?

VÍTOR *(incomodado)* Ele não foi sempre careca.

Ana percebe que tocou num assunto delicado. Silêncio. Vítor aproxima-se, senta-se na cama, afaga-lhe o vestido.

VÍTOR Gosto quando te vestes assim.

ANA O vestido não era por causa do jantar. Era para ti... Logo hoje. Estava a pensar sair da festa mais cedo e irmos por aí... Queria falar-te de uma coisa... E depois, como estás sempre a dizer que nunca me visto para ti, que nunca solto o cabelo... E quando decido fazê-lo... A cidade fica à beira do fim do mundo. O destino é de mais. Acreditas no destino? *(Vítor não responde, deixa-se cair de costas na cama)* Eu acredito. Acho que está tudo escrito, decidido. Só resta saber quem é o autor desta história tão estúpida... *(pausa)* Tenho andado a pensar numa história que li há uns tempos, um conto, não me lembro de quem... Era de uma mulher qualquer. Uma escritora não sei de onde. *(pausa)* Um homem decide deixar a mulher que ama. Quando ela lhe pergunta porquê, ele responde "Porque nunca soltas o cabelo." O homem tinha passado um ano inteiro a pedir à mulher para soltar o cabelo, quando saíam, quando iam a festas, quando iam visitar a família dele. A mulher nunca soltou. Porque o cabelo ainda estava molhado do banho. Porque não dava jeito durante a viagem, ou porque não tinha um espelho ali à mão e ficava sempre para quando chegassem aos sítios, quando chegava esquecia-se sempre. O homem andou assim um ano inteiro. A única altura em que via a mulher com o cabelo solto era quando se deitavam. Logo depois, apagava a luz... e o homem dormia abraçado à mulher com os cabelos dela a fazerem-lhe cócegas no rosto e a entrarem-lhe pelo nariz, pela boca... pelos olhos adentro. A mulher ficou surpreendida com o motivo pelo qual o homem se ia embora. Disse que não percebia, que ninguém deixava ninguém só porque não soltava o cabelo. No meio de tantas coisas importantes o que é que interessa soltar o cabelo. Que percebia quando as pessoas se separavam quando já não existia amor, ou quando não havia sexo, ou era horrível. Quando discutiam muito, quando havia um amante, ou quando tinham gostos muito diferentes... Mas que não percebia de todo, de forma alguma, como era possível deixar alguém apenas porque o outro não soltava o cabelo. O homem começou a pensar como havia de explicar à mulher o porquê da coisa, começou a sentir que não era capaz. Disse-lhe que era importante para ele, sentir que ela estava com ele quando iam àqueles sítios. E que o cabelo podia ser um sinal. E que queria sentir orgulho nela quando estava ao pé dos outros. Que ela ficava de facto muito mais bonita quando soltava o cabelo e era uma coisa tão simples de fazer. A mulher continuou a dizer que não percebia. O homem

calou-se. "Se ela não foi capaz de soltar o cabelo uma única vez durante um ano inteiro, não vai ser capaz de perceber porque o devia ter feito", pensou. Naquela noite voltou a adormecer no meio dos cabelos da mulher. Espalhavam-se pela cara dele e um bocado pelo corpo. No escuro. Com os olhos fechados. De manhã, antes de saírem para o trabalho, quando ela se estava a vestir ele pediu-lhe novamente para soltar o cabelo. Ela disse que sim. Preparou o pequeno almoço. Comeram. Arrumou a cozinha. Fez a cama. Tocou o telefone. Começaram a ficar atrasados. Depois a mulher não encontrava o gancho para o cabelo. Começou a ficar aflita. O homem encontrou-o no sofá da sala. Deu-lho. Saíram a correr, com a mulher a tentar prender o cabelo. À noite, o homem foi comprar cigarros. Foi-se embora. *(pausa)* Acho que nem sequer fumava. É uma história engraçada, *(irónica)* muito "lindinha" não é? Mas tem o seu quê de verdade. Não sei. O que une as pessoas não são as coisas grandes, o que faz querermos ficar com os outros são coisas muito pequenas que quase não se vêem, que só se sentem, que não se explicam, não se exigem. Não são as casas, os carros, as profissões, a comidinha, o sexo... *(pausa)* O sexo, por exemplo: em Lisboa somos dois milhões, não é? Deve haver pelo menos dez mil homens com quem eu teria todo o prazer em ir para a cama; desses dez mil, pelos menos aí uns três mil teriam gostos semelhantes aos meus e praí uns mil teriam verdadeiras possibilidades de serem alguma coisa na minha vida. No entanto, eu estou-me a cagar nesses gajos todos, não me interessam para nada. E às tantas era o Zé da mercearia, feio como tudo, que cheira mal dos sovacos, que tem ar de ser um pila-mole, que me enchia as medidas. É a forma como se olha, como se sente o que nos toca. São as pequenas coisas que não se vêem, que não existem. Fiquei a pensar nessa coisa do cabelo. Que raio? Será que a mulher não tinha prazer em dar prazer ao homem? Se calhar se ele lhe tem pedido para lhe fazer um bocado ela fazia. *(pequena pausa)* Como as outras dez mil.

Por um momento ficam os dois calados. Vítor levanta-se energicamente.

VÍTOR Tenho que te contar a entrevista.

ANA Espera. Ainda não te disse tudo. *(gagueja)* Queria que estivesse contente comigo. *(toca o vestido)* Queria que me desejasses quando te falasse...

VÍTOR *(tenso)* Espera. *(pausa, baixa a cabeça)* Estou a ouvir um som grave.

ANA Não ouço nada.

VÍTOR Vem do chão. Debaixo da terra. Daqui a pouco, isto vai começar a tremer.

ANA Não ouço nada, Vítor.

VÍTOR Isto vai começar a tremer.

Os dois ficam imóveis durante alguns segundos.

ANA Não sinto nada, Vítor. Não podemos ficar assim à espera.

VÍTOR O que é que me querias contar?

ANA Não sei. Nada.

VÍTOR Sinto um formigueiro nos pés.

ANA E a entrevista, Vítor? A entrevista.

O chão começa a tremer. Alguns papéis caem de cima da mesa. Ana e Vítor abraçam-se com força. A lâmpada abana violentamente. Cai algum estuque. A luz tem algumas falhas. Os poucos segundos que dura o sismo parecem uma eternidade. Entra alguma poeira pelo respirador. Ao fundo, o cavalete cai ao chão. Escuro. Terminou. A luz volta. Ana e Vítor continuam abraçados, imóveis. A lâmpada começa a parar. O pó assenta.

ANA Vítor.

Os dois levantam o olhar. Vítor levanta-se.

VÍTOR Estás bem?

ANA Sim. Não sei. Acho que sim. *(pausa)* Não me magoei. Mas... sinto-me mal... Um pressentimento estranho. *(olhando o cavalete)* O cavalete do teu pai!

VÍTOR Merda!

Vítor dirige-se rapidamente para o cavalete. Levanta-o do chão. Examina-o.

ANA Porque é que nunca me falas do teu pai?

Vítor não responde.

ANA Eu vejo-o sempre nos teus quadros. Sob a forma de objectos ou de vultos. Até nas cores. Não sei como te explicar isto, mas sinto-o.

Vítor continua a recompor o cavalete.

ANA Vítor!

VÍTOR Ele não sabia relacionar-se com as crianças. Não sabia o que fazer com elas. *(pausa)* Não teve irmãos, nem primos, nem havia meninos. Cresceu sozinho. *(Vítor começa a levantar alguns caixotes, volta a pôr alguns papéis no sítio)* Ele gostava de crianças, só que não sabia o que fazer. Não sei como, mas sempre percebi isso. E era eu que me relacionava bem com ele. Eu fazia o trabalho dele. Sempre à espera do dia em que ele já soubesse o que me dizer. *(pausa)* Ele

morreu quando eu ia fazer dezoito anos. *(pausa)* Às vezes dou consigo a falar com ele, a explicar-lhe coisas. Fico à espera que me responda...

ANA Eu estou aqui Vítor. (é disto que estou à espera)

Vítor coloca o último caixote no sítio. De dentro de um livro cai uma fotografia. Vítor apanha-a, olha-a, guarda-a no bolso.

ANA E os teus irmãos?

VÍTOR Acho que correu bem, minha querida.

ANA O quê?

VÍTOR A entrevista. Acho que correu bem.

ANA *(vencida)* Conta-me.

VÍTOR Tinha acabado de me sentar em frente ao homem, toca o telefone: a secretária a avisar do terramoto. Ele diz-me "Bom, parece que não vamos ter oportunidade de falar agora, a Protecção Civil anunciou agora mesmo a possibilidade de um grande terramoto em Lisboa..."

ANA Dizes que isso é correr bem?

VÍTOR Espera. Ele continua, já ao pé da porta: "Vi o seu portfólio, achei muito interessante, acho que o podemos ajudar. Se ainda cá estivermos amanhã, volte a marcar uma entrevista."

ANA Isso é mesmo bom.

VÍTOR Acho que eles são capazes de me dar a bolsa. Vou poder estar um ano sem fazer mais nada. Só vou pintar.

ANA Finalmente.

VÍTOR Gosto de te ver assim contente, minha querida.

ANA E depois. A bolsa?

VÍTOR No caminho para cá pensei em tudo. Pedimos um ano de licença e alugamos uma casinha num sítio isolado.

Ana levanta-se e afasta-se.

VÍTOR Tipo no meio de uma serra ou assim, bem longe de tudo. Sem grandes luxos conseguimos viver um ano inteiro só da bolsa. Só os dois aguentamo-nos bem assim.

ANA Sim...

VÍTOR Sim...? Aí está uma resposta animadora. Pensei que ficasses entusiasmada. Não andas sempre a dizer que estás cansada, que gostavas de parar durante uns tempos.

ANA Não é isso...

VÍTOR Tens alguma coisa que te prenda nesta merda de cidade?

ANA Não, não tenho.

VÍTOR Ok, Ok, já percebi. Tens outros planos. Está bem, minha querida. Também não é por isso. Posso muito bem ir sozinho, um ano de solidão também não deve ser assim tão mau. Não dizem que os períodos de criação mais férteis acontecem quando estamos na merda?...

ANA Não quero ir para um lugar isolado.

Pausa, os dois olham-se desafiando-se.

VÍTOR Percebes agora por que é que só consigo pintar naturezas-mortas?

ANA Não percebi.

VÍTOR Só domino as formas abstractas e inertes. Os objectos dinâmicos ou animados escapam-me.

ANA O quê?

VÍTOR Eu não te conheço, minha querida.

ANA Conheces.

Vítor tira do bolso a fotografia que havia guardado.

VÍTOR Não te conheço bem... Não fazia ideia que a minha cave guardava os teus desgostos de amor. *(entrega-a a Ana)* O professor de ginástica. Por isso, a disciplina na escola. Não tinha nada que ver com os alunos. Querias deixar o espaço em aberto, não fosse ele querer voltar. Eu só era uma espécie de tapa-buracos. Não é, minha querida?

ANA Não estás a ser justo, Vítor.

VÍTOR Claro que não. Aliás, por onde andarás a justiça, minha querida? Perdeu o norte? Que destino cruel te afastou de um rapaz bonito e com um futuro brilhante? E te juntou a mim? Um merdas, minha querida.

ANA Devias ter ficado nos Anjos.

VÍTOR Visto-me mal.

ANA Porque é que vieste?

VÍTOR Não sou bonito.

ANA Pára com isto, Vítor.

VÍTOR Não consigo realizar os meus projectos.

ANA Nunca disse nada disso.

VÍTOR Não gosto da tua mãe.

ANA Cala-te.

VÍTOR Adormeço logo a seguir.

ANA Cala-te.

VÍTOR Depois da primeira.

Ana vira-se de costas para Vítor.

VÍTOR Que não gosto de te lambar a cona.

Ana não responde. Pega no saco de viagem e retira do seu interior um cobertor, uma camisola e umas calças. Coloca tudo isto sobre a cama.

VÍTOR Que não quero ter filhos.

ANA Cala-te, por favor.

VÍTOR Tenho gases.

Ana prepara-se para trocar de roupa.

VÍTOR Sou peludo.

ANA Não te quero ouvir mais.

Vítor aproxima-se de Ana.

ANA Não te quero ver.

VÍTOR (*sussurra*) Que sou um picha-mole.

ANA Não te quero tocar.

Vítor toca no ombro de Ana. Ana tenta vestir-se. Vítor impede-a, violento. Agressivo. Abraça-a. Ana não reage aos avanços de Vítor, tenta escapar-se. Vítor morde-lhe os ombros bruscamente, depois as costas. Ana tenta fugir.

ANA Não te quero tocar...

Beija-lhe uma das coxas. Ana tenta vestir uma camisola. Vítor, agressivo, não deixa. Beija-lhe as coxas. Vítor volta a abraçar Ana. Apalpa-a. Roça-se.

ANA Não te quero...

Ana começa a bater em Vítor, este tenta agarrar-lhe os braços. Sem sucesso. Ana liberta-se. Vítor volta a segurá-la, desta vez sem hipóteses para Ana. Vítor aperta-a.

ANA Não...

Vítor deita Ana na cama. Segura-a, força-a.

ANA Não, Vítor!

Vítor e Ana caem para a parte de trás da cama. Vítor obriga Ana a fazer sexo. Ana rende-se. No final, Vítor levanta-se e afasta-se. Ana senta-se na cama e compõe o vestido. Vítor e Ana começam a sentir o chão a tremer.

VÍTOR Já começou. Outra vez.

ANA Devo agradecer-te?!

VÍTOR O quê?

ANA Como és bom para mim.

VÍTOR Do que é que estás a falar?

ANA Do que é que estou a falar? Filho da puta. Estou a falar do frio que faz. Tenho o corpo gelado.

VÍTOR Estamos em Julho.

Ana desvia o olhar. Vítor junta-se a Ana. Senta-se na cama. Agarra-a. Estão ambos frios e distantes. O agarrar de Vítor transforma-se em abraço. Abraçados, ajoelham-se protegendo as cabeças. A lâmpada está imóvel.

VÍTOR Podias amar-me se tentasses.

Passados alguns segundos, Ana levanta a cabeça.

ANA A lâmpada não se mexe.

VÍTOR Já acabou.

Vítor e Ana permanecem imóveis, abraçados, de joelhos. Olham à sua volta tentando perceber o que se passa.

ANA Não, ainda sinto o chão a tremer.

Os dois levantam-se muito devagar. Quase sem equilíbrio.

ANA Nada se mexe.

VÍTOR Ana, desculpa, eu não queria...

ANA Continuo a sentir um tremor! Vítor?! Sentes?

VÍTOR Sim.

ANA Somos nós, Vítor. Somos nós!

VÍTOR Somos nós o quê?

ANA É dentro de nós.

VÍTOR Estás louca. (o tecto quase te caiu em cima)

ANA Agora, Vítor. Agora. Não se mexeu nada. Nem a lâmpada.

Vítor não responde.

ANA *(começa a tremer, com os olhos molhados)* Não aguento isto. Isto vem de dentro, Vítor. É muito forte. Domina o meu corpo,... não sei o que é!

Vítor abraça Ana, tenta reconfortá-la.

VÍTOR Já passou. Vais ver que isso é um fenómeno físico qualquer. Já vai passar.

Vítor acaricia Ana. Os dois ficam aninhados. Vítor deita Ana na cama. Tapa-a

VÍTOR É melhor...

ANA Tapa-me a orelha. Com a orelha destapada não consigo sonhar.

Vítor cobre-a até à orelha. Procura algo para cortar a luz na direcção da cama. Encontra uma pequena folha metálica que pendura no fio. Aproxima-se de Ana, sus-surra-lhe.

VÍTOR Dorme devagar.

Vítor afasta-se. Senta-se em cima de um caixote. Volta a pegar no rádio, fica a olhar para ele. De repente, dirige-se para a mochila de Ana. Procura o toca-CD's. Remexe a mochila. Vai tirando o recheio. Quando encontra o toca-CD's, um pequeno papel cai a seus pés. Pega nele, lê-o instintivamente. Pára por um momento. Levanta-se, dirige-se para a cama. Agacha-se junto desta. Terno. Destapa Ana, esta olha-a. Grita-lhe com violência.

VÍTOR Quem é que andaste a foder?

Ana estupefacta. Vítor com dificuldades em manter o discurso fluente. Com o papel na mão.

VÍTOR Que merda é esta? Queres explicar-me que raio de merda é esta? (*segura-a violentamente nos dois braços*) Não andas a picar, pois não? Portanto só pode ser a foder. Um teste à sida? Queres dizer-me por que é que foste fazer um teste à sida?! Ou achas que não tenho estômago para ouvir os relatos das tuas aventuras? Andas a foder com estranhos?

Ana estarrecida. Fria. Olha o papel que Vítor tem na mão. Olha Vítor.

VÍTOR Puta. Sou eu que não chrego, ou precisas de variar?

Ana não responde. Vítor parece estar a enlouquecer. Começa a andar rapidamente, pára repentinamente.

VÍTOR Acho que não estou a perceber o que se está a passar. Não estou a perceber mesmo nada. Pões-me os cornos e ainda por cima deixas-me uma lembrança: um pequeno vírus que me vai devorar as entranhas. Vou ficar só pele e osso. Vou ficar bexigoso. Vou morrer, caralho! Com ou sem terramoto. Vou morrer! Tudo porque um belo dia te apeteceu levar na cona. Isto não faz sentido. Não faz sentido nenhum. Há mais de seis anos que não toco noutra gaja, pelo sim pelo não e... por onde menos se espera...

ANA Não é nada disso.

VÍTOR ...estou sidoso.

ANA Não...

VÍTOR Quando é que sabes a resposta?

Ana não responde.

VÍTOR Quando é que sabes a puta da resposta?

ANA Era hoje.

VÍTOR Hoje é o grande dia, foda-se. No dia em que, ao fim de seis anos, me dão a esperança de uma bolsa, a cidade vai abaixo, tu não queres ir comigo e dizem-me que talvez tenha sida. Cum caralho ou dois. *(pausa)* E afinal quem é que te andou a comer?

Ana não responde.

VÍTOR Ou já nem te lembras dos nomes?

ANA Como podes duvidar de mim assim? Tanto tempo! Onde está o teu amor? O que me estás a dizer já não está aqui. Não és tu.

VÍTOR Onde está o meu amor, foda-se. Fazes-me isto e perguntas onde está o meu amor. Onde está o teu?

ANA Está aqui.

VÍTOR Eu não aguento esta merda. Porque é que fizeste o teste?

ANA Não consegues perceber por...

VÍTOR Porque é que fizeste o teste?

Ana não responde. Procura o violino.

VÍTOR Assim é mais fácil. Fechas-te no teu mundozinho e pronto. Quando estou a mais, piras-te. Que bonito, minha querida. O grande amor... surdo... e mudo.

Ana não responde. Vítor aproxima-se dela. Inesperadamente, dá-lhe um violento estalo. Ana cai bruscamente no chão. Vítor começa a tremer. Vítor muda de expressão, segura os cabelos de Ana com força. Desaperta a braguilha.

VÍTOR Chupa. Agora o mundo pode acabar.

ANA Já acabou.

Vítor pára. Treme.

ANA O teste é obrigatório quando se quer engravidar.

Vitor fica um pouco atordoado.

VÍTOR Queres ter um filho?

ANA Sim.

Vitor está confuso. Prepara-se para discutir com Ana.

VÍTOR Decides ter um filho a meia hora do fim do mundo.

ANA Já decidi há muito tempo.

VÍTOR Já decidiste há muito tempo. É bom saber isso, minha querida. Desejo-te as maiores felicidades.

ANA Ia-te contar hoje. Vesti-me...

VÍTOR Sim, eu percebi, querias-me seduzir antes de falares nisso. Querias-me ter nas palminhas.

ANA Não era assim. Só queria que te orgulhasses de mim.

Solta os cabelos de Ana. Esta não responde, olha o chão. Vitor afasta-se.

VÍTOR Acho que ainda não percebi. Tu andas a tentar engravidar sem me dizer nada? Deves estar a gozar comigo. A gozar completamente comigo. Então e eu não tenho nada a ver com essa merda?

ANA Eu ia...

VÍTOR Já sei, já sei. Puseste um vestido todo catita e ias contar-me os teus planos esta noite, depois da festa. Eu percebi. Sim, claro, minha querida. A mim parece-me que os planos já foram postos em prática há algum tempo. Não sei! É uma ideia.

ANA Tenho trinta...

VÍTOR ...e quatro anos. Sim, eu sei. Sei isso muito bem. O teu relógio biológico não pára. Claro, minha querida. O resto que se foda, não é, minha querida? De facto, estou completamente senil. Os nomes que te chamei, o que imaginei acerca de ti. Neste momento, devia estar de joelhos à tua frente a pedir-te perdão, devia estar a autoflagelar-me pelas barbaridades que enunciei. Como fui capaz? De facto, às vezes, surpreendo-me a mim próprio. Desconheço o meu eu mais íntimo. Como fui capaz de pensar que me podias trair. Só uma cabeça perversa como a minha. Sabes, minha querida, eu acho que não te mereço. Tu és boa demais para mim. Eu sou demasiado ranhoso, sou um verme...

ANA Eu não quero ter cinquenta anos quando o meu filho tiver dez. E depois, preciso de ser mãe, assim já não me sinto bem... Estou a murchar, Vítor.

VÍTOR Claro, minha querida. Como posso ser tão egoísta? Tu murchas e eu rego-te. O que há de mais bonito? Como pode o amor ser maior?

ANA Como pode o amor ser maior?

VÍTOR Sem traições. Achas que há maior traição do que ter um filho contra a vontade do pai? Está bem, pronto, se fores por aí, minha querida, dar umas fodas, não é bonito. A testa fica pesada, o ego desfeito, a auto-estima desaparece. Mas se o orgulho não for muito e sobretudo se o futuro prometer ser melhor que o passado, se houver amor, a coisa resolve-se. Podemos tentar esquecer. Agora, com um filho nos braços, o que é que tu queres esquecer? Um filho é até ao fim da vida. *(pausa)* A não ser... a não ser que o papel do pai nesta história seja mais simples. Que seja o papel do molha-o-pincel. Serviço feito, pernas à estrada. Aí vamos nós.

ANA Já não te consigo ouvir. Quero sair daqui. Isto tudo já acabou. Já podemos ir para casa.

VÍTOR Não é que eu não deseje ter um filho. Não é isso, minha querida. Antes pelo contrário, vou gostar muito de ser pai. Mas na altura certa. Quando for o tempo de ser pai, não é agora.

ANA Estou cansada. *(deita-se, fecha os olhos)*

VÍTOR *(irónico)* Não é que eu não fosse gostar dele. Ao contrário, mas uma coisa não tem nada a ver com a outra. Não vamos ter um filho só porque gostamos muito de bebês, não é minha querida? Os filhos devem-se ter quando é o momento próprio. Quando, na dinâmica universal, tudo diz ser este o momento. *(olha Ana, pausa, muda de tom, lamenta-se, para si)* Depois, há outra coisa. Não tenho a certeza se vai ser assim ou não, mas acho que vai. Infelizmente, vai ser assim. Vou amá-lo de mais. Vai-se-me apertar o coração só de olhar para ele, para os olhos dele. Vou chorar só de o ver rir. Vou sofrer de morte quando ele for enganado, ou quando lhe baterem ou quando for recusado pela mulher que ama. Vou sofrer por ele como nunca sofri por mim. Acho que não vou ser possessivo, vou deixá-lo partir, vou mesmo incentivá-lo a partir.

Vítor veste o casaco, pega na sua sacola. Dirige-se para a porta.

VÍTOR Mas vou estar sempre com ele na cabeça, será que está bem, que ninguém lhe vai fazer mal?

Vítor sai. A luz exterior muda. Amanhece. Toca o telemóvel. Ana demora a acordar, procura-o junto à cama. Atende.

ANA (*brusca*) Sim, Vítor! Vítor?... Como?!... Da clínica... Sim, sou eu... Sim, espero o resultado de uma análise. Pode dizer... O quê? Tenho que repetir o teste?... Por causa do tremor de terra. Amanhã à tarde? Não, não. Acho que não. Agora já não tem importância. (*desliga*)